

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *A Tarde*

Class.: 110

Data: 19.04.91

Pg.: \_\_\_\_\_

# Índios não encontram motivos para comemorações no seu dia

Elcy Castor

**Monte Pascoal e Coroa Vermelha (Da Sucursal do Extremo Sul)** — Eles estão sendo dizimados pela miséria, doenças, evangelização descaracterizada de Norte a Sul do País. Brigam para conquistar a terra que um dia lhes pertenceu e sobrevivem graças à vontade de um Deus que não é mais Tupã. Os brancos querem festa, mas hoje, dia 19 de abril, o índio comemora a data reivindicando terra, saúde, educação, melhores condições de vida. Para centenas deles que habitam as aldeias de Porto Seguro, Cabrália e adjacências, todo dia deve ser dia de índio.

Nascido na localidade de Barra Velha, extremo sul baiano, Araruê passa os dias vendendo artesanato às margens da BR-101, proximidades de Monte Pascoal. "As vendas estão fracas e não temos condição. Queremos terra para trabalhar e não temos". Aos 38 anos e muitos filhos, reclama da falta de assistência dos poderes públicos e, principalmente, da Funai, considerada um órgão inoperante. "Nosso dinheiro só dá para comprar comida e roupa. Não temos médico e a escola funciona da pior maneira possível", explica o índio pataxó, em bom português. Cerca de 200 índios fazem parte da aldeia de Barra Velha e vivem nas mesmas condições, segundo Araruê atesta.



Foto: Elizeu Santos

### ABANDONO

Recém-chegados da aldeia Mata Medonha, na região de Cabrália, o cacique pataxó Baiara e mais 22 famílias também reclamam atenção. Lá residem aproximadamente 126 pessoas, em sua maioria crianças que necessitam de tudo. "Nossa aldeia está abandonada e, porque ficamos do outro lado do mar, não podemos ter transporte. Apenas um barco velho serve, de maneira difícil, e todos os dias corremos risco de vida. Quando não são as doenças ou a briga pela terra, é a falta de transporte". O cacique foi convidado pela Funai para chegar até Coroa Vermelha e se integrar aos festejos alusivos à data, mas, para ele, não há o que comemorar. "Vivemos imprensados por fazendeiros, assistência médica aparece de ano em ano e escola existe apenas uma, mas não são dadas aulas todos os dias", reclama.

### FUNAI SÓ FAZ ENROLAR

Os pataxós estabelecidos no extremo sul afirmam que "a Funai só faz enrolar" não sendo um órgão atuante, conforme deveria. "Eles dizem que vem o dinheiro e ninguém vê para onde vai", comenta um outro índio, que prefere não se identificar. Entre os membros da tribo Pataxó tornou-se comum a diversidade das opiniões, fato bastante nítido na aldeia de Coroa Vermelha, onde é maior a presença do homem branco interferindo nos mais variados aspectos, desde a "especulação" imobiliária até a mudança dos usos e costumes. Foi-se o tempo em que o pataxó original passava os dias apenas tentando caçar e pescar para sobreviver. As ccas (embora mantendo as características padronizadas) dis-

No rosto da velha índia, as fortes marcas do sofrimento e do desencanto de várias gerações

põem de recursos modernos para o dia-a-dia, como aparelhos, utensílios domésticos e rádios.

Bem-aceita por alguns, a cultura branca trouxe resultados positivos e negativos, de acordo com membros da aldeia que se dispuseram a falar sobre a questão. "O dia do índio é dia da alegria, porque é comemorado desde tempos antigos e está ligado às nossas raízes", observa o pataxó Macucu, apostando no sucesso da programação elaborada pela Funai para hoje. Vai haver peixe assado na folha, massa fresca, cauim feito de mandioca, jogos de flecha, corrida de saco, danças e outras manifestações. Os pataxós de Coroa Vermelha fazem questão de bem se expressar, mas, na ausência do cacique Arapati, dizem que preferem não comentar coisa alguma sobre o eterno conflito de terras existente na região. "Sobre isto quem fala aqui é o cacique e ele foi providenciar algumas coisas, está longe", garante um líder do grupo.

### TEM ESCOLA

A aldeia de Coroa Vermelha possui uma escola com três professoras. Saneamento, atenção para com a saúde, remédios, transporte, respeito enfim. Atualmente 640 pessoas integram as 75 famílias que lá sobrevivem da pesca, da cultura de mandioca e do artesanato, a principal fonte de renda, "que só é melhor na época do Verão", quando aparecem os turistas". O Grupo de Apoio ao Índio Pataxó — Gaipa, criado há pouco tempo, vem com boas intenções, mas não dispõe de verbas para os programas, segundo afirmam os próprios indígenas. "Vale a intenção, mas ninguém tem dinheiro". A comunidade se queixa de que até a água utilizada é poluída e o esgotamento sanitário "corre para as casas".

Os índios do extremo sul querem a demarcação de suas terras em caráter definitivo e para tanto vão brigar até a morte.

Quem informa é o capitão Nelson Saracura, advertindo que as autoridades do País precisam estar atentas ao problema que não é único da Bahia ou do extremo sul. "É uma questão de âmbito nacional". Ele observa que no norte os índios estão sendo dizimados pela fome, evangelização descaracterizada e briga pela terra. Os que conseguem sobreviver, assumindo a cultura, permanecem na miséria absoluta. "Vamos enviar documentos ao presidente Collor exigindo que ele cumpra a promessa de demarcar nossas terras. Se isto não acontecer, estamos dispostos a lutar com todas as armas", adverte Saracura.

### FESTA PRÓPRIA

Pataxós de todo o extremo sul querem uma festa própria e diária. Não um dia 19 de abril a cada ano. Desejam saúde, terra para trabalhar, condições para a recuperação de sua identidade e não folclore. Esperam que os órgãos que se dizem de proteção atuem de verdade e não se transformem em cabides de emprego, fazendo dos indígenas um folclore nacional. "Não vivemos alegres para festas. Tudo aqui é muito difícil e perigoso. A comida é comprada com dificuldade, falta saúde, educação e principalmente a nossa terra. Não adianta comemorar o dia do índio se ele está morrendo", lembra o pataxó Calango, enquanto termina uma escultura trabalhada em sucupira para ser apresentada durante a festa organizada pela Funai e para a qual foram convidadas as aldeias de Barra Velha, Boca da Mata, Água Bela, Caramuru, Imbiriba e Mata Medonha, todas situadas no extremo sul.

## Selos homenageiam indígenas

Hoje, quando se comemora o Dia do Índio, a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos lançará, às 11 horas, no Shopping Barra, dois selos comemorativos a esse dia, mostrando em suas estampas dois grupos étnicos indígenas: um, de pele clara, habitante da Região Amazônica, e outro, de pele mais escura, de áreas como as da Bahia. A empresa aproveitará, para o lançamento, uma exposição de artesanato que está sendo realizada pelos índios pataxós e kiriri, que, na oportunidade, apresentarão o "Aue" (canto de louvor e dança), numa demonstração de sua cultura.